

A person stands on a wide, unpaved dirt road that stretches into the distance. The road is flanked by dry, brownish fields. In the background, a large, leafless tree stands on the right side. A bright yellow sticky note is pinned to the top of the image with two red pushpins. The title 'ENCRUZILHADA' is written in large, white, serif capital letters across the middle of the image, partially overlapping the sticky note.

ENCRUZILHADA

Osvaldo Andrade

Encruzilhada

Osvaldo Andrade

2025

CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei no 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Osvaldo Andrade
Encruzilhada

Editado por autor.

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com

Encruzilhada

I

O lugar era um pequeno vilarejo no interior do estado, com casas velhas do tempo da colonização. Cachorros e carroças faziam o maior trânsito das ruas. Além dos moleques de fundas na mão, o progresso da vida urbana não chegara ali, só passava por perto.

As pessoas engomadas como manhãs de domingo rodeavam a igreja, igual mariposas a um lampião. Celebrava-se um casamento.

Lá estavam os noivos, felizes e irradiando alegria. De joelhos, lado a lado pousados no altar.

A igreja levantada em pedras nos anos do Império, construção projetada ainda no estilo barroco, feita pelas mãos dos índios e colonos, sustentava na torre o sino importado. Fora trazido de Portugal em navio clandestino especialmente para soar no céu da pequena vila na época.

Neste momento há um casamento lá dentro. Na frente da igreja, alguns passeavam pela praça bebendo goles de sereno. Assim como aos finais de semana, o local estava cheio de crianças e namorados, e carolas que se cumprimentavam. Era esta uma noite de festa na cidadezinha.

Ela não era muito grande, como já se percebe, mas debruçava-se à margem do rio que por ali passava, exibindo suas águas escuras. Este era e sempre foi o único acesso ao lugar. Daí se explica o grande número de caíques e outras embarcações pontilhando as bordas do trapiche.

Pelas ruas em horas de sol, descem carroças num vai e vem ao porto, das fazendas e charqueadas, levando suas mercadorias; sustentando a economia local.

Com as primeiras estrelas no céu, termina o casamento. E a porta da igreja vê-se entupida de festeiros, abraçando o noivo e beijando a noiva.

Filha da terra que era, conhecida de todos que a viram nascer e crescer, tornando-se nessa esplêndida mulher. “Um casamento bonito” diziam todos! Porém, o noivo não muito conhecido. Veio morar ali a pouco tempo. Morava só, ele e a velha mãe numa casinha retirada da povoação.

Ele era um bom rapaz - como diziam - trabalhador, inteligente; um tanto calado. Pouco se ouvia sua fala, porém, quando dizia algo, todos o admiravam. A

tristeza ou a timidez também fazia parte de suas características. Mas isso não incomodava ninguém.

O amor! Ah, esse amor! Envolveu os dois num laço só. Curta temporada de namoro... e olha aí. Já estão casados.

Ela, quem não a conhecia, já disse! Bonita e amiga de todos. Sempre alegre e contagiante. A mãe, coitada, morreu no dia do parto. Foi, então, criada pela sua tia Amélia, porque o pai viajava muito. Ele trabalhava em uma chata de transportar areia. Numa de suas viagens, ocorreu o acidente com uma das máquinas. Ele nunca mais voltou. A menina tinha naquela época seis anos. A tia, irmã do pai, encarregou-se de sua criação.

Amélia carrega quarenta e seis anos nas costas e jamais pensou em casar-se. Mulher honesta e conhecedora de muitos remédios, ervas e simpatias. Tinha seus serviços a cuidar da saúde dos moradores dali. Atendia partos, curava coqueluche, bronquite, desengasgava os pescadores de suas espinhas de peixe.

Saindo da igreja, foram para a festa na casa da tia. Onde dançaram, comeram e beberam. Uma bela festa.

O casal, obviamente, despedira-se dos convidados e partiram para a casa nova, onde iriam morar.

Os dias foram passando, e ao decorrer da convivência, ela sentia distante o seu marido. Havia noites em que ele saía e só voltava com o sol nascido. O bebê

que carregava era seu único motivo para estar junto do marido.

A tia foi quem fez o parto. Um menino grande. E bonito como a mãe. O que lhe preocupava eram as noites em que o marido saía. Dúvidas lhe visitavam.

Numa noite, resolveu segui-lo. Era verão. O céu claro. A lua estava se mostrando no horizonte. Seria enorme lua cheia.

- O que houve meu bem? Você parece tão nervoso.

- Não é nada! Eu não estou com fome, é só.

- Ora, meu bem, come só um pouquinho.

A mulher meiga e compreensiva é surpreendida pela brutal reação do marido.

- Já disse que não quero.

Esmurrando à mesa, levanta e sai porta a fora.

Numa primeira reação nada fez. Paralisada, ficou por instante. Porém, decidida em descobrir, pegou o bebê nos braços e saiu para seguir o marido.

Caminhou quase toda a noite, mas não o encontrou.

II

Na rua principal da cidade, um homem apavorado descia correndo. Era quase oito horas da manhã, o pequeno comércio estava abrindo. As pessoas na rua com seus afazeres.

- Que loucura é essa?

Gritou um, ao homem que cruzava apavorado.

Tentaram parar o sujeito e acalmá-lo. Trouxeram-lhe água. Um o abanava com o avental.

Ele engolia o ar com a água, afogando-se. Os reflexos demoraram a se refazer.

Quando mais calmo, poderia contar. A sua volta já estava quase que a vila inteira.

Uns cochichavam que havia visto assombração, outros que teria visto o próprio diabo.

- É isto! Engolindo um gole de água.

- Vi um lobisomem.

Alguém perguntou apressadamente se o bicho o teria visto. Pois se os olhos da coisa tivesse olhado o dele, o animal viria para matá-lo.

- Não! Ele nem me viu. Quando pus as vistas nele, saí correndo e nem olhei pra trás.

A notícia se espalhou na comunidade. Uns até diziam que o bicho lutou com o homem. Outros que o demônio está rondando a cidade.

Surgiu a turma corajosa no bar. Reunidos em uma mesa, planejavam capturar a criatura.

Em casa, a jovem mulher, ninava seu primogênito. Chorava, também, um pouco. Não vira o marido desde a noite passada.

- Penso que ele tem outra mulher e não gosta mais de mim.

Pôs a criança no quarto para dormir e foi preparar o almoço.

A porta abriu-se e o marido entrou. Estava todo sujo, como se estivesse caído num buraco de lamas. As roupas rasgadas.

- Que foi isso?

- Foi um acidente que tive.

- Que houve meu bem? Você some à noite e aparece só agora, assim?

- Desculpa eu sair daquele jeito ontem. Estou com uma dor de cabeça. Vou tomar um banho e deitar.

Preocupada. Agora confusa. Senta e chora. Não por muito tempo porque uma das panelas começou a reclamar.

- Quase queimei o feijão.

É nesses momentos de quando não se entende o que está acontecendo; que a preocupação fica mais aguda. A angústia sobe no corpo, corroendo os ossos, e provoca um anseio que nada pode justificar.

Ficou só. Agora sem resposta. As dúvidas começam a se aproximar da alma feminina. E o choro é o único consolo.

III

Os homens preparam uma armadilha para o lobi-somem. O plano era muito simples. Quando o bicho visse para comer a galinha presa na gaiola que construíram, a portinhola se fecharia com ele lá.

A noite chegou e o animal apareceu. Apareceu dentro da casa de um deles.

O cachorro da casa fugiu do monstro, deixando frente a frente a caça e o caçador.

Parecia que a fera sabia pensar. Trouxe consigo a isca da armadilha na boca e a largou no portal da casa. O indivíduo não fez nada porque nada poderia fazer, a não ser que corresse.

A besta rasgou furiosamente a toalha de linho que estava sobre à mesa e virou as costas para nunca mais voltar.

A noite já se fazia madrugada, quando a criança chora. A jovem foi no quarto do menino ver o que havia. Ninou o bebê e voltou. Percebeu a cama vazia. O marido não estava lá. Deitou-se triste e pensativa.

Na manhã seguinte, ele já estava ao seu lado no leito. Dormia um sono forte e tranquilo.

Ela firma os seus olhos no marido demoradamente. Estava tudo como sempre foi. Ela e o marido. Porém percebe algo no canto da boca do esposo. Era um fiapo de linho. Removeu o fio e deixou que dormisse.

Com a manhã já bem estabelecida, na leitaria, ouve os comentários do ocorrido na casa de um dos caçadores.

O lobisomem entrou depois de matar o cachorro. Dizia um. Lutou com o bicho. O sangue está pela casa toda. Dizia outro. E cada história crescia em detalhes.

O lobisomem se transforma à meia noite de sexta-feira, em uma encruzilhada. Depois de transformado, sai à noite procurando sangue, matando ferozmente tudo que se move. E antes do amanhecer, ele procura a mesma encruzilhada para voltar a ser homem. Dizia outro mais. E continuavam os comentários. Diz-se que ele tem preferência por bebês não batizados. Algumas lendas também dizem que se um ser humano for mordido por um lobisomem, e não encontrar a cura até a

12ª badalada do sino desse mesmo dia, ficará lobisomem para toda a eternidade. Algumas pessoas dizem que além da prata, o fogo também pode matar um lobisomem. Outras acreditam que ele se transforma totalmente em lobo e não metade lobo metade homem.

Esses eram os comentários no bar.

IV

Os homens preparam-se para saírem à caça do tal lobisomem. Os falatórios na vila não paravam. Em qualquer canto que se fosse, o assunto era o mesmo.

Em casa, o jovem casal dava de comer ao menino.

- Eles me convidaram para caçar o tal bicho.

- E você? O que disse?

- Disse que vou.

Uma aflição lhe subiu dos pé, dando-lhe um anseio no peito. Mas nada disse. Ainda mais agora que estava se sentindo grávida de mais um filho. Como suportar essa batalha?

- Eles falaram que todos os homens da vila vão procurar o animal e matar de uma vez. Não posso deixar de ir.

- Você vai sair e se meter na mata com essa gente enlouquecida?

Não houve resposta. Apenas baixou o olhar.

- Quando vai ser isso?

- Na próxima noite de lua cheia.

Levou uma louça à pia. Parou. Virou-se e disse:

- Estou grávida.

- Eu sei. Será uma menina.

- Você quer uma menina?

- Tenho certeza de que será uma menina.

Abraçou a mulher, aproximando a cabeça no ventre. Suspiraram os dois como se fosse o último momento.

Amor é uma emoção sentimental que leva as pessoas a permanecerem juntas. E permaneceram calados. Um sentindo o calor do outro. Costuma-se dar o nome de amor verdadeiro a um sentimento muito forte de afeto entre duas pessoas. Esse sentimento é tão intenso que é capaz de unir essas pessoas sob quaisquer circunstâncias, mesmo diante das maiores dificuldades e provações.

O amor que os unia era esse. O mais forte que tudo; nada poderia destruir.

V

O marido vai até a casa de sua velha mãe. Lá conversam por logo tempo.

- Mãe! Eu amo a minha esposa e o meu filho. Ainda mais agora que ela vai ter outro bebê.

- Eu sei! Mas você não pode ter duas vidas. Ou a tua família ou a outra.

- Mãe! É difícil a escolha. Uma me dá paz e tranquilidade. A outra me dá aventura. Outra vez mesmo, saí pelas matas, rolei na lama. Foi uma loucura. Ela me dá prazer.

- É... Você está em uma encruzilhada. Entre a tranquilidade de um lar maravilhoso e o prazer da aventura.

- Eu amo as duas.

- Assim não pode ficar. Mais cedo ou mais tarde acaba ferindo o que ama.

- Certo minha velha! Eu vou decidir hoje mesmo e acabar com isso.

Chegou a noite. A lua estava cheia de graça. Exuberante como toda noite de lua cheia. Não! Agora ela estava mais bonita. Sabia da sua presença. Parecia prever o espetáculo. A noite da grande caçada.

A multidão insana sai ao encontro da fera por entre as árvores da mata. E ela já os esperava.

Tiros, gritos e pauladas se ouviu por lá. Pouco se contou da batalha, porém muitos foram os feridos.

Na manhã seguinte o corpo do animal era exibido na calçada do boteco. A população estava reunida em volta. Se houvesse reportagem, certamente seria televisado em grande audiência.

A fera está morta. O vilarejo agora tinha tranquilidade.

Quando a jovem foi buscar o leite, não quis ver a carcaça. Passou rapidamente e não olhou.

A vítima estava com os dentes arreganhados. Não se sabe se queria morder ou pedia por socorro. Tinha um pelo de cor amarelada, como o de um lobo guará. Envolvida em sangue. Porque na selva, todos a queriam matar.

Os feridos exibiam as cicatrizes como marcas de vitória. E aquele momento parecia o final da fera.

Os meses foram passando. E a tia novamente faz o parto. Agora uma menina. Esta criança iria preencher o vazio que ficara. Seriam os três: a mãe, o menino e a menina a buscar outro lugar ao sol. O marido nunca mais apareceu.

Autor

Osvaldo Andrade